

A CONTRARREVOLUÇÃO SE LEVANTA!

No jornal do Espaço Socialista nº 100 vimos como um movimento espontâneo dos trabalhadores e dos soldados, descontentes com as medidas contra a Ordem nº.1, contra o poder dos trabalhadores nas fábricas e desconfiados das verdadeiras intenções do Governo Provisório quanto à Guerra, lançam-se em uma ofensiva que, não fosse a ação dos bolcheviques, Trotsky à frente, teria derrubado o Governo Provisório. Como os camponeses e o restante da Rússia ainda não haviam avançado politicamente como os trabalhadores e soldados de Petrogrado, um governo dos trabalhadores seria, naquele momento, derrotado pela contrarrevolução, com conseqüências imprevisíveis. Uma tomada precipitada do poder era o sonho de Kornilov e de Kerensky.

Por isso, na segunda noite da manifestação, os bolcheviques convocaram os soldados e os trabalhadores para terminarem a manifestação. Continuar a somente seria possível por meio da tomada do poder, o que não era o objetivo no momento. Um acordo entre os bolcheviques e o Governo Provisório é realizado. Os primeiros pediram aos de Kronstadt e aos regimentos vizinhos a Petrogrado que voltassem aos seus quartéis. Em troca, o governo garantiria que os bolcheviques não seriam perseguidos. Enquanto isso, discursos sucediam a discursos feitos por mencheviques; sociais-revolucionários de direita no Soviete de Petrogrado cantando vitória e descrevendo como eles tinham destroçado a manifestação. Os primeiros regimentos leais ao governo começaram a chegar em Petrogrado e o clima começou a mudar. Os vendedores de jornais bolcheviques eram atacados nas ruas e os operários eram linchados por comerciantes burgueses.

Enquanto essa mudança de clima político ocorria em Petrogrado, a contrarrevolução tomava a ofensiva e destruía a gráfica onde os bolcheviques imprimiam seu jornal (tudo com o apoio, obviamente, do Governo Provisório que momentos antes havia prometido não reprimir os bolcheviques).

No Comitê Central do Soviete da Frota do Báltico, algo inesperado estava acontecendo. O comandante da frota entregava uma ordem recebida do Ministro Assistente da Marinha, Dudarev, ordenando que os navios, em que as guarnições eram mais atrasadas politicamente e nos quais o Governo Provisório ainda contava com alguma autoridade, afundassem aqueles navios que já haviam passado para o lado dos bolcheviques. A indignação foi geral. Naquele momento da guerra, afundar os navios russos era uma tarefa cuja lógica o “simples marujo” (como sempre, as passagens entre aspas são da *História da Revolução Russa*, de Trotsky) não podia compreender. Imediatamente o cruzador Orpheus foi designado para se dirigir a Petrogrado e prender Dudarev. Lá chegando, com a contrarrevolução em plena ofensiva, os membros da delegação do destróier são presos e Kerenski faz uma declaração pública elogiando seu ministro assistente. A sessão conjunta do Comitê Executivo do Soviete declarou sua solidariedade para com Dudarev.

As tropas que chegavam do interior do país para apoiar o Governo Provisório, frequentemente eram recebidas a tiros quando entravam na cidade. Quem disparava esses tiros eram oficiais e burgueses, com o objetivo de jogar os soldados contra os trabalhadores. O clima tinha se tornado muito desfavorável aos bolcheviques e chegara a hora, pensavam o Governo Provisório e as forças de contrarrevolução, de extinguir a “praga bolchevique”. É ordenada, então, a prisão dos principais líderes bolcheviques. Trotsky e outros ficariam presos até o início de setembro daquele ano. Lênin foi obrigado a se refugiar na Finlândia de onde retornaria somente em outubro. E é lá que ele escreve *O Estado e a Revolução*.

Durante todo o mês de julho, Kerenski entra em negociações com as forças da contrarrevolução, junto ao Estado Maior do Exército, para estabelecer um plano conjunto para a substituição do Governo Provisório por um governo forte, de uma só pessoa (que claro, deveria ser Kerenski) sob a alegação de evitar a “ruína da mãe-pátria”. Os generais czaristas aderem ao plano com o objetivo de, sob pretexto de apoiar Kerenski e seu golpe, colocarem próximos a Petrogrado tropas e regimentos que lhes permitissem tomar o poder. O líder dos generais, dos latifundiários, da alta hierarquia da Igreja Ortodoxa Russa, das altas finanças e que contava com a simpatia declarada dos governos da Entente, era o general Kornilov.

Na *front* a situação se complicava, e a 21 de agosto os alemães ocuparam Riga, próximo a Petrogrado. De Riga à capital da revolução era um pulo. A queda de Riga nas mãos dos alemães fora deliberadamente planejada pelas forças da contrarrevolução como o momento oportuno para tomar o poder.

O plano de Kerenski era concentrar tropas “leais” próximas a Petrogrado e declarar a lei marcial e a pena de morte na cidade; reprimir os bolcheviques e os operários para provocar uma insurreição imatura e despreparada, que seria rapidamente sufocada pelas tropas leais ao governo. A única diferença entre este plano e o de Kornilov é que o general queria dar um passo a mais: depois de reprimidos os trabalhadores, queria jogar Kerenski pela janela e se locar como cabeça do novo governo de forças contrarrevolucionárias.

A OFENSIVA DE KORNILOV

Enquanto Kerenski pedia tropas para Kornilov, este, no dia da queda de Riga, convocara cerca de 4 mil oficiais intermediários para seu Quartel General colocando-os a par de seus objetivos. No interior de Petrogrado as forças cadetes estavam organizando uma quinta coluna que deveria ocupar os pontos estratégicos da cidade e prender os principais líderes bolcheviques e o Governo Provisório.

No dia 27 de agosto, Kornilov divulga uma declaração ao povo russo, dando conta que, preferia morrer a continuar apoiando o governo Kerenski que estava matando os soldados e levando o país à ruína além de ser aliado dos bolcheviques etc. Ele, Kornilov, pedia o apoio de todas as forças “leais à mãe pátria” no estabelecimento de um governo forte e capaz de colocar a casa em ordem. Notícias começaram a chegar a Petrogrado dando conta de que tropas leais ao Estado Maior se aproximavam de Petrogrado com o objetivo de derrubar o governo Kerenski. Ele destituiu Kornilov de seus postos, mas não faz mais do que convocar uma conferência com todos os seus ex-ministros.

Enquanto isso, fora do palácio Tauride, uma sessão do Soviete de Petrogrado criara uma Comissão de Luta contra a contrarrevolução, cujo comitê militar era formado por uma maioria bolchevique.

Ordens foram enviadas aos trabalhadores nas estradas de ferro para que impedissem qualquer movimento de tropas não ordenado pelo comitê. Os sovietes locais, principalmente dos distritos operários, não esperaram qualquer instrução dos órgãos superiores: convocaram soldados dos regimentos vizinhos para instruírem os trabalhadores e formaram milícias armadas que ocupavam os pontos estratégicos dos

distritos, prendiam os agitadores contrarrevolucionários, preparavam a defesa e enviavam reforços ao Comitê de Luta contra a contrarrevolução. No dia 29 de agosto, a Guarda Vermelha anunciou que tinha condições de colocar em combate 40 mil trabalhadores e muitos mais estavam sendo empregados para cavar trincheiras, fossos antiblindados e construção de fortificações. O governador-geral de Petrogrado, nomeado por Kerenski, foi obrigado a reconhecer que "milhares de trabalhadores... através de seu insubstituível trabalho social alcançaram durante algumas horas uma tarefa gigantesca que, sem sua ajuda, teria levado vários dias".

A fábrica Putilov, em atividade 16 horas por dia, fabricou mais canhões para a defesa da revolução. O sindicato dos choferes colocou todas as facilidades de transporte de seus membros à disposição do comitê. Os gráficos arrumaram para que os jornais fossem impressos mais rapidamente, ajudando a informar a situação aos trabalhadores. Em Helsingfors nenhuma ordem deveria ser cumprida sem a assinatura do órgão eleito pelos marinheiros. As guarnições próximas a Petrogrado se preparavam para resistir e entravam em contato com o comitê. Aquele trabalho "não era tanto de guiar e convocar os trabalhadores, mas meramente registrar e dirigi-los. Seus planos eram sempre antecipados. A defesa contra a rebelião dos generais se transformou numa caçada popular dos conspiradores". Tropas de Kronstadt foram enviadas para a defesa de Petrogrado e do Governo Provisório. Embora dispostos a uma convivência momentânea com Kerenski e cia, os kronstadianos não tinham qualquer intenção de suportar o comando dos generais kornilovistas: todos os combatentes kornilovistas foram presos ou executados e novos comandantes foram eleitos.

O que aconteceu com as tropas de Krymov, o principal comandante kornilovista, é esclarecedor quanto ao resultado dessa enorme iniciativa das massas. Ao receber ordens de avançar, Krymov não conseguia encontrar locomotivas para seus trens. Sob a ameaça de baionetas, os ferroviários finalmente aprontaram algumas locomotivas que, no entanto, não podiam se mover porque os ramais ferroviários à frente estavam entupidos de vagões, locomotivas quebradas e com sinalizações trocadas.

Nesse meio tempo, o soviete da localidade onde estava Krymov fez imprimir um manifesto aos soldados dando conta que Kornilov havia sido destituído do comando e de que esse movimento de tropas era para combater os trabalhadores em Petrogrado. Os oficiais tiveram que fazer propaganda no meio da tropa para desacreditar os panfletos. Temendo influência da propaganda que os trabalhadores das estradas de ferro faziam junto aos soldados, ao invés de avançar, o comandante kornilovista decide recuar algumas milhas da cidade.

No dia seguinte, os primeiros agitadores enviados pelos trabalhadores de Petrogrado chegam onde estão as tropas com as quais Krymov contava. Espumando de raiva, Krymov decide esperar pelos reforços da "Divisão selvagem" formada por tropas muçulmanas. No entanto, esta nunca chegaria: uma delegação muçulmana formada por alguns potentados nativos foi enviada em sua procura. Os soldados não podiam permitir que os oficiais prendessem a delegação, pois seria uma violação das regras muçulmanas da boa hospitalidade. Os delegados responderam às acusações dos oficiais de que eram espíões alemães com documentos que provavam que Kornilov estava deposto e que a Divisão estava sendo conduzida a Petrogrado para combater os trabalhadores. Após as explicações, os soldados da Divisão desfraldaram na locomotiva da frente uma bandeira vermelha com os dizeres "Terra e Liberdade". Um oficial que sugeriu que a bandeira fosse retirada "para não ser confundida com sinais ferroviários" foi imediatamente preso.

No dia seguinte, Krymov recebeu ordens de avançar depressa e tomar Petrogrado. Avançar como? E como surpreender uma cidade que tinha se preparado para recebê-lo? Ao invés de cumprir as ordens e tomar Petrogrado, o destino reservou um futuro bem pior ao comandante contrarrevolucionário: alguns dias mais tarde ele se suicidaria.

Naquele dia os trabalhadores das estradas de ferro e telégrafos fizeram bem sua parte. O exército de Krymov se viu esparramado por oito linhas férreas diferentes. Notícias desfavoráveis a Kornilov eram rapidamente reproduzidas e esparramadas. Ordens do Estado-Maior kornilovista nunca atingiram seu objetivo e, quando o faziam, estavam totalmente atrasadas. Ordens eram deliberadamente alteradas, e contra-ordens falsas quase sempre seguiam a uma ordem. Os maquinistas, responsáveis pela manutenção dos trens e dos trilhos se transformaram em agitadores. Nesse ambiente, as tropas de Kornilov avançavam – ou pior ainda, ficavam estacionadas, incapazes de ir à frente. "Seguir no mapa o destino dos escalões de Kornilov, dá a impressão de que os conspiradores estavam brincando de cabra-cega nas linhas de estrada de ferro".

No dia 30 de Agosto o Comitê Executivo podia anunciar que era completa a desmoralização entre as tropas de Kornilov. A contrarrevolução estava se dissolvendo, sem deixar rastros. Era comum, naqueles dias, agitadores se dirigirem de Petrogrado a alguma unidade que deveria estar em tal localidade com destino à capital. Lá chegando, o agitador recebia a notícia de que os soldados já haviam partido... em direção oposta a Petrogrado. Ou então, que haviam partido com bandeiras vermelhas nas mãos, e com seus oficiais presos.

Kerenski já começava a se sentir aliviado. Não seria desta vez que sua cabeça rolaria.

No entanto, sua imagem estava desgastada junto aos soldados e aos trabalhadores devido aos últimos acontecimentos. Além disso, seus planos passavam por uma aliança com a direita, e não com a esquerda. Kerenski, naqueles meses, era um kornilovista, com a condição de que ficasse na liderança dos kornilovistas. Assim sendo, nem bem terminado o episódio contrarrevolucionário, Kerenski anuncia que as ordens de Kornilov continuavam obrigatórias para todas as unidades militares. Kornilov surpreso escreveria: "Um episódio ocorreu – o único deste tipo na história do mundo – um comandante em chefe, acusado de traição (...) da terra natal, e acusado deste crime frente às cortes, recebeu uma ordem para continuar comandando os exércitos..." Quando delegados da Divisão Selvagem se dirigiam a Kerenski e exigiram que Kornilov fosse punido, Kerenski responde: "Sua obrigação agora é obedecer seu comandante, e nós faremos tudo o que for necessário".

Enquanto Kerenski e a contrarrevolução estavam realizando seu armistício sem vencedores, o clima estava esquentando nos regimentos e nas fábricas. Os soldados se sentiam cada vez mais inclinados a realizar eles mesmos os julgamentos dos oficiais contrarrevolucionários. Enquanto isso, Kerenski soltava todos os grandes generais que comprovadamente se envolveram com o episódio contrarrevolucionário. O descrédito e a desconfiança das massas em relação ao Governo Provisório crescia na mesma medida em que se dirigiam para a esquerda.

No dia primeiro de setembro, o Soviete de Petrogrado, ainda sob a residência de Cheidze, um menchevique e com um *presidium* composto totalmente de mencheviques e sociais-revolucionários, votou uma resolução pedindo um governo de operários e camponeses – ou seja, desautorizando a política seguida pelo Comitê Executivo do soviete de favorecer um governo de coalizão com a burguesia. Esta solução foi seguida de resoluções de idêntico teor do Soviete de Moscou, das instituições soviéticas da Finlândia e de outras localidades. O Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado decidiu convocar uma sessão para o dia 9 de setembro, onde, caso a votação do dia primeiro fosse provada, ele renunciaria.

Quando a sessão começou, cerca de mil delegados estavam presentes – todos os partidos tinham feito o maior esforço para levar todos os delegados a que tinham direito. Os bolcheviques, temendo não contar com a maioria, propuseram que um novo *presidium* fosse eleito proporcionalmente. Tserelli rejeitou a proposta de compromisso em nome do *presidium* e afirmou que o *presidium* queria saber se o soviete "havia mudado de direção". "Nós não podemos levar adiante a tática dos bolcheviques". A resolução introduzida pela direita do soviete afirmava que a votação do dia primeiro de setembro não possuía maior significado e que o soviete continuava confiando no *presidium*.

Trotsky, aparecendo pela primeira vez no soviete desde que fora preso em julho, pediu um esclarecimento ao *presidium*. "Kerenski continua como antes, membro do *presidium*?" Vacilando, o *presidium* responde afirmativamente, "amarrando mais uma pedra ao pescoço". "Nós acreditamos fortemente, disse Trotsky ... que não deveria ser permitido a Kerenski sentar no *presidium*. O fantasma de Kerenski senta agora entre Dan e Cheidze (líderes mencheviques, que participavam do *presidium*)... Quando eles pedem a vocês que sancionem a política do *presidium*, não esqueçam que vocês estão sancionando a política de Kerenski."

A sessão continuou em grande tensão. A explosão era evitada pelo desejo de todos em contar o mais rapidamente os votos que tinham. Ninguém duvidava de que estava se decidindo a sorte da guerra e da paz, a sorte da própria revolução. A votação seria realizada pelo método de sair da sala. Todos a favor dos bolcheviques deveriam ir para fora: seria mais fácil para a minoria sair do que para a maioria, pensava o *presidium*. "Em todos os cantos da sala uma agitação tem início. Todos falam em meio-tom. Algumas vezes as discussões aumentavam e se escutava acusações em voz alta: kornilovista! Ou então: Heróis de Julho! A votação demorou mais de uma hora e as melhores previsões dos bolcheviques davam contas de que a eles faltariam uns 100 votos para a maioria. "Finalmente o resultado foi contado: pelo *presidium* e a coalizão 414 votos, contra 519, abstenções 67! A nova maioria aplaudia como uma tempestade, em êxtase, furiosamente. Ela tinha o direito. A vitória tinha sido bem paga. Uma boa parte da estrada já havia sido vencida".

Após a conquista pelos bolcheviques da maioria no soviete de Petrogrado, com o deslocamento para o papel de minorias dos partidos e das personalidades políticas que apoiavam uma política de compromisso com o governo de Kerenski, uma nova fase se abria para a revolução: a contrarrevolução estava vencida. Até o fim do ano os bolcheviques manteriam a iniciativa política e conquistariam o poder em outubro. Somente a partir de meados de 1918 é que a contrarrevolução levantará novamente a cabeça para combater de armas nas mãos o governo soviético.

No próximo mês veremos como foi preparada a tomada do poder pelos bolcheviques: a Revolução de Outubro.

Até lá: viva a Revolução de 1917! Abaixo o stalinismo!